



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **NEGRAS GUERREIRAS: O PAPEL FEMININO E SUAS CONQUISTAS PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS**

Leila Maria Prates Teixeira\*  
(UESB)

### **RESUMO**

A participação de mulheres das comunidades tradicionais nas lutas cotidianas vem se tornando cada vez mais efetiva e necessária para que esses grupos consigam melhorias perante as políticas públicas. Portanto, esse texto tem como objetivo demonstrar a efetiva militância das mulheres de Tomé Nunes, comunidade localizada na região do médio São Francisco baiano. A fonte oral é a principal metodologia aplicada a este segmento da pesquisa, visando conhecer as formas de sobrevivência e resistência criada por essas mulheres negras ao longo dos anos, sendo analisadas sob a perspectiva teórica da história social. Observa-se que todo o processo de luta pelos direitos na comunidade vem possibilitando a formação de uma consciência crítica. Levando esses negros a criarem e recriarem, organizações que contribuam no enfrentamento de dificuldades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher negra. Sobrevivência. Luta política.

### **INTRODUÇÃO**

Muitos estudiosos de mulheres negras afirmam que elas sempre foram as grandes responsáveis pela manutenção das práticas culturais entre seus descendentes e nos últimos anos, elas também vêm ganhando um grande destaque na militância política<sup>220</sup>.

Localizada no município de Malhada, cidade do interior da Bahia, a comunidade de Tomé Nunes foi reconhecida como remanescente de quilombo em

---

\* Mestre em História - PPGHIS/UNEB; Professora do Departamento de História - UESB; Pesquisadora GEPEECS. E-mail: lmprates@hotmail.com.

<sup>220</sup> Ver Paixão e Gomes (2008).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dezembro de 2004, e as mulheres dessa comunidade são ativamente presentes nas discussões políticas desde o primeiro momento em que os moradores se reuniram e organizaram a Associação de Moradores locais.

As mulheres de Tomé Nunes se assemelham muito com as negras forras e livres citadas por Maria Odila Dias (1995, p.15), quando relata a importância que essas mulheres tiveram para o desenvolvimento da cidade de São Paulo, principalmente quando se trata do progresso do comércio paulista:

A urbanização de São Paulo não envolveu, de imediato, a ascensão social de uma burguesia europeizada, nem a formação de uma classe de assalariados livres. Entretanto, a multiplicação de mulheres pobres, escravas e forras, sobrevivendo do artesanato caseiro e do pequeno comércio ambulante, faz parte da consolidação da economia escravista de exportação e do processo, concomitante, de concentração das propriedades e da renda.

Em Tomé Nunes, as mulheres tiveram e têm relevância em diversas ocasiões, seja em atividades comuns do dia-a-dia, seja em momentos de movimentação política ou festividades. Essa situação é evidenciada em suas próprias falas. Quando questionada sobre a participação das mulheres na plantação, dona Geraldina diz: “Eu cuido junto. Ai de nós se não juntar, né, minha fia?”<sup>221</sup>. Outros relatos revelam as situações em que a comunidade lutava e ainda luta por melhorias, como se lê na fala de dona Maria Dias da Conceição do Rosário, quando um grupo de mulheres foi ao encontro do prefeito da cidade de Malhada/BA para pressioná-lo para a implantação de poços artesianos no povoado:

Agora essa água aí, nós pegava água aqui no rio. Aí ele pohnou o poço aí porque juntou aqui um bucado de mulher, não foi nenhum home, só mulher! O home que foi, foi o motorista. Chegou lá greguelou ele assim: “Vai panhar água ou não vai? Fala aí se você

---

<sup>221</sup>Dona Geraldina Souza da Silva, 60 anos. Reside na comunidade desde 1972, após casar-se com um filho da comunidade de Tomé Nunes. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

não vai ponhar água lá pra nós, abrir um poço?” Ele: “Vô, vô mandar, abrir amanhã”.<sup>222</sup>

Nas conversas e entrevistas realizadas com as moradoras de Tomé Nunes, é possível notar que estão cientes da força representada pela voz da mulher quando usada coletivamente, isto é, sabem como essa voz feminina transmuta-se em mecanismo de luta para reivindicações sociais, conforme é relatado por Maria Divina: “Aí, batia na casa de uma: Ah, será? Colé (qual é)? Se prender nós, tem que prender tudo. Todas mãe de família. Quem é doido? Umas dando de mamar, outras de buchão! Quanto maior o bucho melhor!”<sup>223</sup>. Mesmo neste relato que parece apoiar-se na posição mais fragilizada da mulher (mães de família e/ou grávidas) é possível depreender um uso criativo e estratégico desses atributos. Nota-se, nessa mulher pobre, negra, sem recursos, muita iniciativa para resolver problemas do dia-a-dia, problemas que tanto as afligem, como é o caso da água. E, certamente, também não esperam que os homens decidam a vida por elas.

Desde 2009, os moradores de Tomé Nunes já contam com o projeto da ASA Brasil <sup>224</sup>, intitulado: Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semi-Árido: Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) que foi conquistado recentemente pela Associação de Moradores. Segundo dona Joanita Dias de Brito, essa água está sendo muito boa para todos:

Bom demais essa aguinha do lado de casa, porque o Rio é longe e também a gente tem a água do poço, [...] mas mesmo assim, é mais do que bom porque não pode nunca comparar essa água potável com a água que vem do poço. Aí a gente tá contando que tenha um bom ano de chuva pra poder encher<sup>225</sup>.

---

<sup>222</sup>Dona Maria, 70 anos de idade. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>223</sup>Maria Divina Dias, uma das filhas de dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008

<sup>224</sup>Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) é um fórum de organizações da sociedade civil, que vem lutando pelo desenvolvimento social, econômico, político e cultural do semi-árido brasileiro, desde 1999.

<sup>225</sup>Entrevista realizada no dia 25 de maio de 2009, em Tomé Nunes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Como se sabe, a água é recurso imprescindível para a vida humana e um elemento essencial para a economia, produção de alimentos e o desenvolvimento local. Seu uso são os mais variados, desde o consumo direto ao atendimento de necessidades básicas pessoais, domésticas, de limpeza e sanitárias da população. Ainda é um recurso indispensável para atividades agropecuárias, industriais, dentre outras. A falta de água potável gera doenças, fome e até mesmo a morte.

Tomé Nunes é um lugar muito seco, faz parte do semi-árido brasileiro e possui uma temperatura muito elevada. Portanto, o acesso à água potável é essencial para seus moradores, visto que se adoecerem, a locomoção para a sede do município é sempre muito difícil, como relata dona Geraldina ao falar da vida há alguns anos na comunidade: “Eu sei que eu tenho sofrido um bucado e agora hoje eu tô jove, tô bem, tô nova. Mas sufri, viu? Sufri. Menino doente, não tinha esse negócio de carro parando aí na porta. Até médico era difícil. Eu passando noite fazendo remédio pra menino”<sup>226</sup>.

Sem o acesso equitativo a uma quantidade mínima de água potável, os outros direitos estabelecidos tornam-se inalcançáveis, como por exemplo, o direito a um nível de vida adequado para a saúde e bem estar, assim como os direitos civis e políticos.

Dona Maria Divina lembra como era desconfortável para as mulheres de Tomé Nunes a vida que levavam antes da implantação dos poços artesianos:

A gente rapava mandioca, pegava essa mandioca na ilha, depois pnhava no barco, botava na oficina, sentava rapava essa mandioca, quando acabava de rapar essa mandioca tinha que ir no rio de novo pra mode banhar. Quando é de manhã cedo precisa ir no rio de novo pra mode carregar água pra cuar tapioca, pra fazer café, pra botar feijão no fogo. Pegar água do mesmo jeito. Eu falei ó ta abrindo poço não sei onde, não sei mais onde, ué será que não vai abrir lá pra gente? Será que nós somos mais miseráveis do mundo? Joanita vamos ficar esperta veia [velha]<sup>227</sup>.

---

<sup>226</sup> Dona Geraldina Souza da Silva Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>227</sup> Maria Divina Dias. Entrevista realizada dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Este modo de agir demonstra que as mulheres não esperam pela atitude dos homens, elas chegam a acentuar que os homens não se “preocupam” com as dificuldades da água. Talvez seja essa uma forma de tornar mais evidente o empenho das mulheres da comunidade, que enfrentaram praticamente sozinhas o prefeito de Malhada. Mas essa “omissão” dos homens da comunidade precisa ser vista com mais atenção. Antes, vejamos como se explicita essa situação na entrevista de dona Maria Divina ao comentar sobre a reação dos homens da comunidade quando as mulheres de Tomé Nunes foram informar-lhes que iriam à prefeitura reivindicar a implantação de poços artesianos na comunidade: “Porque começavam assim: ‘moço, ó moço, quá moço, mexer com prefeito? Só deputado! Quá! Mulher que se vira pra cozinhar feijão!’”<sup>228</sup>.

Situação semelhante pode-se acompanhar na entrevista de Makota Zimewanga<sup>229</sup> concedida à Revista Muito (2009, p. 10) ao focar a força da mulher negra perante as dificuldades cotidianas e a busca por melhorias para sua família:

[...] Ação social eu aprendi a fazer com a minha mãe: ela era parteira, se metia em clubes de mães, organizava as mulheres, fazia grupos para pedir água, pedir luz, isso na década de 50, 60. Ela era semianalfabeta. O que eu quero dizer é que as mulheres negras sempre foram ativistas. Eu não me considero feminista: eu me considero mulher, guerreira, mas não me considero feminista, porque não é uma coisa nossa, é uma coisa que veio de lá. Mas o que eu vejo é que a mulher negra sempre teve um papel, a referência que tenho é o que vivenciei. Minha mãe nunca esperou meu pai tomar decisão. Tomava iniciativas<sup>230</sup>.

---

<sup>228</sup> Maria Divina Dias. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>229</sup> Valdina Pinto é Makota do terreiro Tanuri Junssara, com sede no bairro do Engenho Velho da Federação – Salvador/BA. Educadora aposentada da rede pública municipal. Disponível em: <http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/mestres-perfis.php>. Acessado em 10 de maio de 2009.

<sup>230</sup> Entrevista publicada na revista Muito no dia 08 de março de 2009. Revista Semanal do Grupo A Tarde. Salvador-BA



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As mesmas razões da mulher guerreira que busca a sobrevivência de sua família podem ser localizadas nos conflitos agrários entre fazendeiros e mulheres camponesas conhecidas como “quebradeiras de coco babaçu”, no Maranhão. Maristela de Paula Andrade (2007, p. 2) relata este evento e analisa o porquê dessas mulheres se destacarem até mais que os homens nestes conflitos:

[...] os fazendeiros haviam passado a cercar os cocais, a *prender o coco* como diziam as informantes. Tratava-se, portanto de lutar para libertá-lo, de modo a se libertarem a si mesmas e as suas famílias, sobretudo as mulheres. Nesse momento, por volta dos 80, foram lançadas a uma posição de primeiro plano nos enfrentamentos com vaqueiros, pistoleiros e fazendeiros. Foram principalmente elas que, *no tempo do coco preso*, no exercício da atividade de extração, necessitaram adentrar as cercas de arame farpado, acompanhados de suas crianças, apesar das proibições dos fazendeiros, das ameaças dos vaqueiros, das agressões físicas e das humilhações. Ou a faziam ou a família não se alimentava.

Por conseguinte, essa atuação guerreira das mulheres, focada pela pesquisadora, deixa bem evidente que elas são aguerridas nas lutas pela sobrevivência de suas famílias. Mas não devemos supor apressadamente que os homens também não buscam essa sobrevivência. Nota-se que elas entendem que o trabalho em conjunto é muito mais proveitoso e próspero, por isso “arregaçam as mangas” e vão à luta. A atuação de mulheres que fazem de tudo para manter a integridade de suas famílias é frequente nas pesquisas realizadas com famílias escravas. Isabel Reis (1999, p. 33) analisa e questiona como essas mães arriscavam sua vida e de seus filhos para manter a família, num momento em que a resistência à escravidão era condição de vida naquele momento:

Como estas escravas conseguiram fugir levando crianças? Tinham esperanças de viver tranquilamente e criar seus filhos como se fossem pessoas livres? Não teria sido mais fácil fugirem sozinhas a se fazerem acompanhar de criaturinhas tão dependentes dos seus cuidados? Estas mulheres preferiram correr riscos a abandonar seus filhos à própria sorte. Foram mulheres que, inconformadas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

com a sua condição servil, tiveram não só um comportamento rebelde como muitas vezes extremamente audacioso.

Estas mulheres, submetidas à escravidão, lutaram com audácia pela preservação de suas famílias e relações afetivas. Vemos na recente historiografia, histórias de homens e mulheres que não se acomodaram e resistiram firmemente às imposições do cativeiro <sup>231</sup>.

O Historiador Nivaldo Dutra (2007, p. 71), em seu estudo sobre as comunidades do Rio das Rãs e Brasileira ao tratar sobre a participação das mulheres na luta pela terra, afirma que as mulheres destas comunidades tinham uma participação muito tímida nas questões políticas, situação que se alterou ao longo do tempo:

[...] na medida em que tomam consciência da importância de sua participação, as mulheres começam a se envolver nas discussões e passam a construir seus espaços dentro das organizações que são criadas, como é o caso da Cooperativa Agropastoril do Quilombo Rio das Rãs, onde essas mulheres se fazem presentes, participando da direção ou até mesmo organizando-se em grupos específicos de mulheres para desenvolverem projetos comunitários, como horta, trabalhos artesanais, corte e costura, que as ajudam a colaborar com o orçamento familiar.

O que nos é apresentado pelo historiador reforça o que já foi dito anteriormente sobre essas mulheres negras que demonstram não pretender disputar lugar com os homens, seus maridos, filhos e irmão, mas lutar junto, unindo forças para uma vida mais digna para as suas famílias. As comunidades de Rio das Rãs e da Brasileira ainda se caracterizam predominantemente pela prevalência masculina em algumas questões políticas, conforme assinala Nivaldo Dutra (2007, p. 71, grifos nossos):

Essa maior participação das mulheres pode ser considerada como

---

<sup>231</sup> Ver: REIS (1999 e 2007); SLENES (1987, 1988 e 1999); SAMARA (1988/1989); dentre outros.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

uma das experiências significativas dentro do processo da luta pela terra em Rio das Rãs. Elas foram se envolvendo, participando das discussões, colaborando com a resistência. Exemplo disso foi a participação delas à frente da coleta da produção na área do lameiro, **no período em que os homens estavam proibidos pelo fazendeiro** de retirar da área os produtos.

Esse episódio contribui para esclarecer melhor certa “omissão dos homens” da comunidade na luta pela água, conforme assinalamos anteriormente. É importante salientar o quanto os moradores dessas comunidades foram açoitados, ao longo de suas vidas, pela truculência de fazendeiros locais. Situação que expunha ainda mais os homens, mesmo que atingindo a todos. Estudos mais dedicados ajudariam a informar-lhes melhor as séries de nuances sociais que tornam “mais visados” os homens dessas comunidades. Mas é preciso esclarecer, mais uma vez, que as mulheres também se envolveram nos conflitos pela terra. Em Tomé Nunes, as mulheres recentemente viveram conflitos com fazendeiros. Estes conflitos não se assemelham ao das mulheres “quebradeiras de coco” do Maranhão, em termos dos graus de violência, mas foi um momento muito relevante na memória da comunidade. Dona Maria Dias da Conceição do Rosário nos conta como isso aconteceu:

Ó, da vez que foi pra abrir a portera aqui desses Moraes aqui. Foi Guilherme que andou aqui, deu uma reunião, e eles tava numa exigência esquisita quem tivesse criação lá [...] Uma fazenda muito grande. Aí se tivesse criação do povo aqui lá, eles botava pra fora, outra hora pagava, cinco real cada cabeça. Ou pagava ou então eles panhava a criação. Parece que tava até roubando. Menina, mais esse povo tava um horror! Aí o Guilherme veio aqui e fez a reunião até lá na Igreja. “Vamo abrir esse cochete”. Menina, apareceu não **sei quantas muié pra abrir esse cochete!** [...] O cochete é que nem assim uma portera. E eles botou cadeado, botou cadeado. A estrada que ia pra lá pra baixo pontar os outros, não podia passar porque eles trancava<sup>232</sup>.

---

<sup>232</sup> Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes. Grifos nossos





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Dona Maria acrescentou que esse episódio não aconteceu há muito tempo, e que representou muito sacrifício para “um povo” que morava em terras do outro lado da fazenda dos “Moraes”, bem como para os moradores de Tomé Nunes. Isto porque para fazer visitas uns aos outros precisavam margear o rio São Francisco, o que era “muito arriscado”. Para os moradores “do lado de lá” da fazenda ainda aumentava a distância do povoado do Julião <sup>233</sup>, localidade que abastece comercialmente essas comunidades.

[...] tem, tem gente do lado de lá, dos Moares aí, no Lameirão. Que a gente chama Lameirão. Tem gente daqui. A mulher de Zé Carlos, os pais dela mora lá. Mas o home não podia passar pra cá, o home não podia ir no Julião fazer umas compra. Só podia pro lado do rio, só puro! Porque eles fecham tudo, trancavam tudo. Muié de Deus! Até uma muié veia que chama Clarinha que mora lá em cima disse que ia. Aí Guilherme disse, “Se os home não quiser ir, eu vou com as mulher!” Foi que apareceu uns home, se precisar nós fica lá... Chegando lá, abriu a portera pra mode o povo de lá passar pra cá, ir no Julião pelo menos comprar o açúcar. Ah queta com esse povo! [...] Isso foi, tá com uma base de dois ano a três ano. Eu não sei se tem esse tanto! Daí eles concertou, eles não botou mais. Aí o Guilherme falou com eles lá, eles mandou recado pra Zé Carlos que Zé Carlos fosse lá fechar o cadeado, fechar o cancela. Eu falei, Zé Carlos você não vai só, junta um bucado de mulher, de home aqui. Fecha essa portera lá e espera ele lá com um porrete. Se eles entrar as mulher ajuda. Você não fica só não; Aí eu acho que ele ficou com medo, soube da conversa, acabou isso! Deixou aberto lá pra todo mundo passar. Pronto <sup>234</sup>.

Segundo dona Maria estes caminhos, que estavam sendo proibidos ao trânsito dos negros que ali moram, sempre foram percorridos pelos antepassados: “De toda vida moço! De toda vida o povo véi (velho) morava aí, nesse lameirão aí. Depois que Pedro Moraes morreu, o véi (velho) morreu, né? Ficou as rabutaia aí que não sei que diga que ficou tomando conta de tudo aí” <sup>235</sup>.

<sup>233</sup> Julião é um povoado pertencente à cidade de Malhada/BA. Localiza-se à margem da BR 030, distante de Tomé Nunes 5 km, aproximadamente.

<sup>234</sup> Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>235</sup> Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Esse episódio, relatado pela moradora, é mais um exemplo da força das mulheres na comunidade, que buscam resolver pendências sozinhas quando não encontram outra saída ou quando os homens lhes negam ajuda, conforme já vimos no relato anterior.

Muitos estudos vêm sendo realizados apontando o grau de resistência de mulheres negras. Resistência esta que vem desde a diáspora africana. Os historiadores, Marcelo Paixão e Flávio Gomes (2008, p. 951), discutem o alcance da luta das mulheres escravas e de como elas causavam problemas para seus senhores ao não cooperarem no trabalho, mesmo que isso lhes causasse castigos intensos e mesmo que as levassem a estratégias de resistência trágicas, como o suicídio, o infanticídio, dentre outras formas mais extremadas. Eles também enfatizam o quanto essas bravas mulheres ainda estimulavam seus homens para possíveis insurreições, com a intenção de resguardar e proteger as suas famílias.

Outro aspecto relativo às mulheres é a matrifocalidade. Certamente, a gestão doméstica e familiar assumida pelas mulheres lhe confere um espaço de relativo poder, principalmente sobre seus filhos. Sobre a questão da matrifocalidade e de como mulheres e homens vivenciam isso, Parry Scott (1990, p. 39) diz:

Esse termo identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico, onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isso se traduz em: relações mãe-filho mais solidárias que relações pai e filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino.

No relato em que dona Maria Dias da Conceição do Rosário nos falou da briga com fazendeiros por causa do “cochete da portera”, ela apresentou essa relação de matrifocalidade analisada por Scott (1990). Informou que avisou ao seu



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

filho Zé Carlos, quando este foi chamado para ir na “fazenda dos Moraes”, que as mulheres estavam ali, prontas para ajudá-lo: “Eu falei, Zé Carlos você não vai só, junta um bucado de mulher, de home aqui. Fecha essa portera lá e espera ele lá com um porrete. Se eles entrar as mulher ajuda. Você não fica só, não”<sup>236</sup>. Este fato nos revela que mesmo com a presença masculina, as mulheres são necessárias para garantir uma maior intimidação.

Maria Odila Dias (1995, p. 158), ao discutir sobre as mulheres negras em São Paulo, no século XIX, analisa a vida de suas antepassadas ainda em África:

As mulheres africanas, mesmo casadas e contando com a linhagem e terras do marido, que deviam trabalhar, estavam acostumadas a ter de sustentar-se a si próprias, e aos filhos, com seu próprio dote, mantendo-se, mesmo casadas, economicamente independentes.

A mesma autora também analisa que, estas semelhanças, nem sempre foram questão de enraizamento cultural, visto que a escravidão acabava gerando esta ruptura com o meio social de seus antepassados. Sendo assim, as escravas acabavam se adaptando às condições de vida no Brasil para sobreviver.

Destarte, é perceptível como o papel das mulheres vem ganhando cada vez mais destaque na comunidade de Tomé Nunes, se tornando verdadeiras lideranças. A partir das entrevistas é possível observar uma cumplicidade entre moradores, de maneira geral. Os homens locais ouvem e não têm receios de aceitar as opiniões femininas. Na verdade, as mulheres de Tomé Nunes são muito ativas, presentes em reuniões sobre a luta quilombola, tanto locais como regionais. Este fator vem suscitando significativos benefícios sociais para o grupo citado, sendo inclusive relatados com orgulho pelos habitantes e membros pastorais ligados à comunidade. É possível também observar este prestígio feminino pela sua

---

<sup>236</sup> Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

marcante participação nas questões políticas e na regularidade no grupo que preside a Associação de Moradores.

Observamos que todo o processo de luta pelos direitos na comunidade vem possibilitando a formação de uma consciência crítica que tem levado esses trabalhadores a criarem e recriarem, dentro da própria luta, organizações que contribuem no enfrentamento de dificuldades, pois muitos acreditam que a luta ganha novas dimensões diante dos novos desafios do cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela de Paula. **Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas**. Rev. Estudos Femininos. vol.15 nº 2; Florianópolis: 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder**, em São Paulo no século XIX. 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. **Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004)**. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo: 2007.

FIGUEREDO, Luciano. "Mulheres nas Minas Gerais". In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, UNESP, 1997, p. 141-188.

PAIXÃO, Marcelo & GOMES, Flávio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Revista Estudos Femininos vol.16 nº. 3**. Florianópolis Sept./Dec. 2008.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. "Uma negra que fugio, e consta que já tem dous filhos": fuga e família entre escravos na Bahia. **Revista Afro-Asia, nº 23**, p. 27-46, 1999.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SCOTT, Parry. **O homem na matrifocalidade:** gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. Cadernos de Pesquisa, nº 73, 1990.